

Desenvolvimento de narrativas introdução de referentes no universo textual

Ana Maria de Mattos Guimarães
Univ. Fed. do Rio Grande do Sul/CNPq

ABSTRACT: This article investigates the development of narratives presented by Brazilian Portuguese-speaking children in two moments which are related to the study of spatial reference: occurrence of spatial mention and its relation to the main character in the narrative. Thirty children, from 5 to 10 years of age, participated in the study, producing narratives from a short story book. A significant correlation was found between character introduction and spatial location. The results show that the acquisition of spatial reference is a complex task, which occurs as a gradual development acquired relatively late.

RESUMO: Este trabalho analisa o desenvolvimento de narrativas por crianças falantes do português brasileiro em dois pontos relacionados ao estudo da referência espacial: ocorrência de menção espacial e sua relação com o personagem principal da narrativa. Participaram do estudo 30 crianças de 5 a 10 anos, que produziram narrativas a partir de um pequeno livro de histórias. Verificou-se que existe uma forte relação entre a introdução do personagem principal e a localização espacial. Os resultados apresentados e a comparação realizada com outras línguas demonstram que a aquisição da referência espacial é uma tarefa complexa, que ocorre como um desenvolvimento gradual adquirido relativamente tarde.

KEYWORDS: Acquisition, spatial reference, narrative development.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição, referência espacial, desenvolvimento de narrativas.

DESENVOLVIMENTO DE NARRATIVAS

Os estudos sobre aquisição da linguagem nas últimas décadas têm mostrado o desenvolvimento das narrativas nas crianças como uma vertente importante. O desenvolvimento da habilidade de contar uma história pelas crianças envolve uma rede complexa de fatores: de ordem cognitiva, comunicativa e lingüística, além de diferentes tipos de conhecimento: textual, narrativo e social.

Em recente trabalho, Berman (1994) destaca a importância de se integrar esses estudos com diferentes focos — seja no conteúdo, na estrutura ou nas relações de forma/função — em uma estrutura desenvolvimentista mais geral, a partir do ponto de vista de que "o desenvolvimento da habilidade de contar uma história depende da combinação de como a tarefa de contar a história é construída e efetuada, de como formas lingüísticas são relacionadas às funções narrativas e vice-versa e de como eventos narrativos e partes de avanço do 'foreground' podem ser encaixados numa rede de circunstâncias de 'background' e de avaliações afetivas". É nessa perspectiva que procuramos fundamentar o estudo agora apresentado.

O objetivo do projeto que desenvolvemos no momento (*Desenvolvimento da linguagem da criança em fase de letramento: o caso da referência espacial*) é apresentar conclusões sobre o português do Brasil, de forma a incluí-las em grupos de estudos contrastivos. Para tal, foi escolhida, em conjunto com Portugal, a questão da construção da referência espacial nas narrativas infantis. Nesse sentido, foram desenvolvidos contatos com as Professoras Maya Hickmann (Université René Descartes, Paris) e Isabel Hub Faria e Hanna Batoréo (Universidade de Lisboa), em trabalho conjunto que permite a inclusão do desenvolvimento de narrativas por crianças falantes do português brasileiro. Combinou-se, então, a metodologia a ser adotada e o primeiro ponto a ser analisado: a referência espacial.

Para o presente trabalho, foram selecionados dois pontos relacionados ao estudo da referência espacial: ocorrência de menção espacial e sua relação com o personagem principal da narrativa.

METODOLOGIA

O projeto em andamento examina a referência espacial e a expressão espacial em narrativas produzidas por 30 crianças brasileiras.

Como parâmetro do comportamento adulto foram coletados dados de um grupo controle.

A narrativas foram produzidas a partir de três estímulos de histórias em seqüência: História do Cavalo e História do Gato, tais como descritos nos estudos de Hickmann, a partir de 1982, e A História da Rã ("Frog, where are you?"), utilizada por Slobin e outros. A situação de coleta deixou muito clara a ausência de conhecimento situacional por parte do entrevistador. Os sujeitos receberam as histórias como um pequeno livro, que ficou em suas mãos. Foram ainda alertados para o fato de que o entrevistador não conhecia as narrativas. A coleta se deu em duas etapas, uma na qual foram testadas as histórias 1 e 2 e outra, na qual foi eliciada a história 3. Na primeira etapa, como se tratava de histórias curtas, foi solicitado às crianças que passassem para o escrito a história do cavalo, depois de a terem contado oralmente .

Os sujeitos são 30 crianças falantes monolíngues de Português brasileiro (metade do sexo feminino) de 5 (correspondendo ao que chamaremos de G1: grupo 1); 7 (G2) e 10 anos de idade (G3), sendo dez crianças em cada faixa etária. As crianças foram testadas em ambiente escolar, jardim de infância ou escola de 1º grau, ou em ambiente familiar. O quadro desses sujeitos ficou constituído de acordo com a Tabela 1.

Tabela 1 — Constituição dos sujeitos

GRUPO	FAIXA	MEDIA
I	5;0 - 5;10	5,3
II	7;0 - 7;11	7,6
III	10;1 - 10;11	10,5

A tais sujeitos foram acrescidos 5 outros, que vêm sendo acompanhados longitudinalmente no Projeto "*Desenvolvimento da linguagem da criança em fase de letramento*", por mim coordenado. Tal acompanhamento começou em 1992, por volta dos 5 anos dessas crianças, que hoje já estão entre 7 e 8 anos. A elas também foram apresentados os estímulos acima descritos, em, pelo menos, dois diferentes momentos.

DESENVOLVIMENTO DE NARRATIVAS

O grupo controle foi formado por 10 adultos (G4), com idades variando entre 18 e 30 anos, alunos da Universidade. As tarefas a eles propostas foram exatamente as mesmas que as das crianças.

Todas as narrativas foram transcritas a partir do sistema CHILDES (MacWhinney,1991), visando a uma possibilidade simples de intercâmbio de dados, uma vez que se trata de um banco de dados internacional. A experiência nesse sentido, desenvolvida a partir do Projeto "*Desenvolvimento da linguagem da criança em fase do letramento*", mostra que as adaptações feitas por nosso grupo ao CHILDES, considerando o português brasileiro, permitem o seu uso numa dimensão interlingüística.(Guimarães & Lamprecht,1994)

Todos os dados deverão ser comparados a trabalho desenvolvido em Portugal, com relação ao português europeu, por Hanna Batoréo e Isabel Hub Farias, da Universidade de Lisboa. (cf. Batoréo, 1994; Faria& Batoréo, 1994) e posteriormente enviados para Maya Hickmann, para fins de um estudo interlingüístico mais abrangente. É importante enfatizar que os trabalhos com as crianças portuguesas encontram-se em fase mais adiantada, uma vez que a coleta de dados já está concluída e a sua análise está sendo implementada. Por outro lado, salienta-se que a coleta do lado brasileiro será mais ampla, pois prevê também a utilização do instrumental "Frog, where are you?" e a utilização de dados longitudinais, que não foram incluídos no estudo em desenvolvimento sobre o português europeu.

Os resultados agora comunicados são referentes à primeira parte do trabalho desenvolvido tendo por base a História do Cavalo, a partir da coleta transversal anteriormente descrita.

ANÁLISE DA INTRODUÇÃO DE REFERENTES: PERSONAGEM PRINCIPAL X CATEGORIA ESPAÇO

A análise do mecanismo de referência no tocante à introdução do protagonista permite estabelecer uma série de interrelações, que, em hipótese, parecem também existir quando se fala de referência espacial e se pensa em estabelecer como uma das variáveis na construção desta referência a questão do personagem principal.

Parte-se do pressuposto de que a referência espacial em uma história é uma tarefa complexa. Deve-se focar especialmente duas

questões para entendê-la: a ancoragem espacial e o ambiente da moldura espacial e, ao mesmo tempo, definir que espécie de meios lingüísticos são usados para tais fins no caso específico do português brasileiro. O exame da referência espacial e o da expressão espacial utilizado em narrativas de falantes brasileiros estará inserido na postura teórica desenvolvida por Talmy (1975,1983).

Qualquer informação espacial que ocorra durante uma narrativa provê o que estamos denominando de ancoragem espacial dessa narrativa. Isto significa que essa ancoragem espacial tem a ver com todos os personagens de uma história, sejam eles principais ou secundários.

Este conceito distingue-se do de moldura espacial. A moldura espacial se refere à informação espacial mais importante, dada, geralmente, no início da narrativa, a qual garantirá a informação de fundo ('background') que orientará espacialmente toda a história. Geralmente, a introdução do personagem principal da narrativa ocorre simultaneamente ao estabelecimento de uma moldura espacial no início da narrativa. A moldura espacial refere-se, pois, na maior parte das vezes, à categoria do personagem principal. Por outro lado, inúmeros estudos (McGann & Schwartz,1988; Guimarães, 1990) têm mostrado a importância da relação entre personagem principal e o uso de determinadas expressões lingüísticas relacionadas à referência. Trata-se de verificar então o quanto o papel de personagem principal tem influência na referência espacial.

Inicialmente, entretanto, é importante mostrar a evolução da presença de marcações espaciais, considerando-se os diferentes grupos. Fazendo um balanço geral da presença de qualquer marca de referência espacial nos textos produzidos sobre a história do cavalo, ou seja, verificando a existência de ancoragem espacial na narrativa, temos o resultado mostrado no Quadro 1.

O resultado leva a considerar a hipótese de que existe um desenvolvimento na marcação de espaço, que deve se prolongar além dos 10 anos. Nos grupos analisados, é a performance de G3 que mais se aproxima de G4.

Comprovando-se que as crianças brasileiras, sobretudo as mais velhas, se valem de marcas espaciais em suas narrativas, passamos a examinar tais marcas na sua interrelação com o personagem principal ou protagonista da história. Na categoria personagem principal, de

DESENVOLVIMENTO DE NARRATIVAS

acordo com trabalho de McGann e Schwartz, 1989 e Guimarães, 1990, foram classificados aqueles personagens tidos como mais agentivos, mais animados e com maior frequência de aparecimento .

Quadro 1 — Presença de ancoragem espacial

Ocorrências:	0	1	2	<2
G1	30%	20%	0	50%
G2	20%	40%	10%	30%
G3	10%	10%	40%	40%
G4	0	0	20%	80%

No que respeita à presença de ancoragem espacial e sua relação com os diferentes personagens da narrativa, tem-se a confirmação de que a maior incidência de menção espacial é dedicada ao personagem principal, como nos mostra o quadro 2.

Quadro 2 — Ancoragem espacial e personagens

GRUPO	CAVALO	VACA	PÁSSARO
G1	70%	40%	30%
G2	80%	30%	20%
G3	80%	60%	0
G4	100%	80%	40%

De forma semelhante aos resultados colhidos por Batoreo(1995), mesmo os informantes adultos sinalizam que, quanto menos importante é o personagem em termos de frequência de aparecimento e agentividade, menor é a incidência de menção espacial específica.

A referência espacial mais utilizada é constituída pela categoria referencial campo (lexicalizada de diferentes formas, como: campo (11); fazenda (7) - comuns a todos os grupos; pasto (1); parque (1) e floresta/selva (1), lexemas de uso exclusivo dos adultos; jardim(1); jardim com flores (1); grama (1) e bosque(1), exclusivos das crianças); e, em dois informantes, pela categoria referencial cerca (perto da cerca e dentro da cerca). Seus percentuais de ocorrência ficam distribuídos conforme o quadro 3.

Quadro 3 — Primeira menção espacial: categoria campo/serra

GRUPO	PRESENÇA	AUSÊNCIA
G1	50%	50%
G2	60%	40%
G3	60%	40%
G4	100%	0%

A comparação com as crianças portuguesas mostra que a omissão de referência espacial ‘campo’ é mais significativa para elas: 90% de G1; 60% de G2; 50% de G3 e 26,7% de G4 a omitem.

Outra questão que cabe responder é se o padrão utilizado para a apresentação do dito personagem principal é o mesmo utilizado para a 1ª menção do referente espacial.

A introdução de um referente no universo textual representa informação nova e pode ser marcada pelo falante de formas variadas. Para o português, assim como para o inglês e o francês (cf. Hickmann, 1994) pode-se traçar um ‘continuum’ das possibilidades lingüísticas de se codificar um referente, dependendo de como esse referente será apresentado pelo falante, tendo em vista imaginar tratar-se de *informação nova* (tipicamente codificado por um sintagma nominal indefinido) *ou dada* (apresentada por meio de sintagmas nominais definidos ou pronomes), como mostra a representação a seguir:

INFORMAÇÃO

NOVA

DADA

SN indefinido

SN definido

Pronome

Zero

um cavalo

o cavalo

ele

0

un cheval

le cheval

il

0

a horse

the horse

it

0

Essa distinção é tida como obrigatória e pode ser combinada com variações da estrutura frasal, como em enunciados apresentativos, em que a informação nova é apresentada em posição pós verbal, de comentário e não na posição habitual de sujeito, início da frase, como tópico, como em:

DESENVOLVIMENTO DE NARRATIVAS

Era uma vez um cavalo (que...)

Há que considerar-se, entretanto, que, se o falante tratar tal referente como uma informação compartilhada com seu ouvinte, passará a valer-se de um sintagma nominal definido. Para evitar essa possibilidade, o trabalho de Hickmann, por exemplo, se vale de uma metodologia de coleta de dados que garante não haver possibilidade de conhecimento mútuo da história. A situação envolve uma criança e dois adultos. Antes de contar a história, a criança tapa os olhos de um dos adultos, para quem vai fazer a narrativa de forma a que essa pessoa possa contá-la posteriormente.¹

Na história em que o cavalo é o personagem principal, obtivemos o seguinte resultado:

Quadro 4 — Apresentação do personagem cavalo

	G1	G2	G3	G4
SN INDEFINIDO	50%	70%	80%	50%
SN DEFINIDO	50%	30%	20%	50%
PRONOME	0%	0%	0%	0%

Observe-se que foram arrolados como SN indefinidos a apresentação por um nome genérico sem artigo (uma criança de G1 usou cavalo, sem artigo: *AND: Cavalo # o cavalo viu uma vaca#) e um nome próprio utilizado por um informante de G4 (Poty era um cavalinho).

¹ Tal metodologia traz, porém, o inconveniente de artificializar a situação de contar histórias. Não se trata de um ato de contar como a criança está acostumada, tanto na interação com os pais, como na escola, em que habitualmente um adulto conta uma história, ao mesmo tempo que mostra suas gravuras à criança. Diante desse argumento, nossa escolha no presente estudo foi por uma coleta sem procedimentos especiais, a não ser atentando para o fato de que a história deveria estar nas mãos do informante desde o início e este era alertado para o fato de que o ouvinte não conhecia a história.

Mesmo o grupo adulto se vale de um número significativo de referências definidas, o que mostra um comportamento diverso do grupo de adultos falantes do português europeu, em que foi aplicada a mesma metodologia que utilizamos. Apenas 15,4% dos europeus usam construções definidas. As crianças portuguesas, porém, se valem de SN definidos em 72,7% de sua apresentação de protagonista feita através de uma descrição de movimento.²

A apresentação do referente *campo(cerca)* se deu da seguinte forma:

Quadro 5 — Apresentação da referência espacial campo

	G1	G2	G3	G4
SN INDEFINIDO	80%	0	66,7%	20%
SN DEFINIDO	20%	100%	33,3%	80%

Chama a atenção uso de sintagmas nominais definidos pelo grupo controle adulto na introdução dos referentes espaciais, de forma bastante diferente de outras línguas (64% dos adultos falantes de inglês e 77% de francês, na pesquisa de Hickmann, se valem de indefinidos na primeira menção espacial; 53,8% dos falantes do português europeu). Batoreo levanta a hipótese de que as realizações de campo dentro de SN definidos mostrariam que o lugar em que a ação se desenvolve pode ser concebido como um conhecimento compartilhado, já que habitualmente cavalos vivem no campo. As crianças de G1, entretanto, parecem não entender a presença do cavalo no campo como um conhecimento genérico, pois se valem predominantemente de SN indefinidos na introdução desse referente espacial.

² A proposta metodológica de Hickmann foi testada por nós em grupo especial, composto por 5 informantes com idade G1 e 5 G3. Os resultados comprovam o uso de indefinido na primeira menção de personagem principal em proporção muito significativa (100% em G1 e 80% em G3). Com relação à questão espacial, entretanto não há alteração nos resultados: 80% de G1 não apresentam marcação espacial, enquanto 80% de G3 já trazem ancoragem espacial em suas narrativas. A primeira menção espacial, porém, é sempre feita através de um SN definido.

DESENVOLVIMENTO DE NARRATIVAS

Deve-se enfatizar, porém, que todos os referentes espaciais foram apresentados em posição pós verbal, de comentário; relacionando-se, portanto, com a informação nova pretendida. Embora o locativo, em português, possa aparecer em três posições, a forma pós verbal foi escolhida pelos informantes brasileiros (considerando-se sobretudo a performance dos adultos), como mostram os exemplos de G4:

*PAU: o cavalinho Pégasus vinha caminhando lépido e faceiro *pelelo campo* quando...;

*EVE: era uma vez um cavalinho que vivia solto *nos pastos no interior do R.G. do Sul*.

É importante ainda observar que, mesmo o grupo mais jovem não se vale de advérbios dêiticos para a referência espacial.³

Estudos anteriores (cf. Batoreo,1995; Hickmann,1994) têm salientado a importância das formas de introdução do referente, pois algumas delas levam obrigatoriamente ao uso de artigo indefinido. A revisão deste quesito está nos quadros 6 e 7. Três formas de apresentação do referente foram encontradas:

- uma forma apresentativa ou existencial, do tipo:

* AFF: tem um cavalo (G1);

*FLP: era uma vez um cavalo # ele estava fugindo(G2); *GAB: um cavalo estava numa fazenda (G3);

- uma forma apresentativa seguida de uma construção relativa ou gerundiva:

*CLA: era uma vez um cavalinho branco que morava ao lado de uma fazenda (G4);

*LUC: era uma vez um cavalo galopando (G3);

uma forma descritiva de movimento:

³ Com relação ao uso de dêiticos, deve-se referir o emprego de ‘aqui’, em dois informantes de G1 e um de G3. Ambos os casos apresentam referência ao contexto físico das ilustrações da história em sequência, e não a um referente espacial particular, como pode ser exemplificado em G3: *PLA: aqui aparece um cavalo correndo pelo campo#. Tais casos não foram arrolados como parte da ancoragem espacial da narrativa.

ANA MARIA DE MATTOS GUIMARÃES

*IZA: o cavalinho passeava pelo parque (G4).

Quadro 6 — Tipo de construção utilizada para introdução de personagem principal (A = Apresentativa; AR = Apresentativa + Relativa; M = De movimento)

	G1	G2	G3	G4
A	60%	30%	30%	0%
AR	0%	50%	30%	40%
M	40%	20%	40%	60%

Quadro 7 — Tipo de construção e primeira menção espacial (A = Apresentativa; R = Relativa; M = De movimento)

	G1	G2	G3	G4
A	40%	0%	33,3%	0%
R	0%	33,3%	50%	40%
M	60%	66,6%	16,6%	60%

As construções usadas na introdução do referente personagem principal mostram a possibilidade de concepção da cena como estática ou dinâmica. (Batoreo,1995). Em nossos dados, os informantes mostram, em todas as faixas, com exceção de G3, predominância de construções dinâmicas. No caso das construções estáticas, as crianças usam apresentativas sem encaixe de relativas. Nos dados do grupo adulto e nos dados dos informantes portugueses, ocorreu sempre uma construção relativa complexa, equivalente a um gerúndio ou, no caso do português europeu, a +infinitivo. Essa forma de expressar uma

DESENVOLVIMENTO DE NARRATIVAS

situação estática foi referida inicialmente por Slobin (1991), como uma diferença entre o espanhol e o inglês.⁴

Um único caso apresenta a referência espacial separadamente como uma entidade individual e não reduzida a uma frase preposicional locativa como os demais (no ‘corpus’ dos falantes de português europeu o espaço nunca foi apresentado isoladamente). Trata-se de um informante de G1, que inicia sua narrativa com a apresentação da referência espacial:

*LUC: Era uma vez # uma fazenda # que morava um monte de bichinhos # bonitos ###um dia ### um cavalo e uma vaca quer dizer um boi # foram lá: na fazenda...

Esse caso nos leva a melhor analisar a forma como o cenário espacial, ou fundo, é mencionado pela primeira vez, para o que se seguiu proposta de Hickmann (1994):

a) como moldura espacial, da forma como definida no início desse trabalho:

*ALE: era uma vez um cavalinho que estava caminhando no campo (G2);

b) como primeira menção tardia, ou seja, o fundo é mencionado tardiamente na narrativa, isto é, longe da sua introdução:

*BRU: uma vez o cavalinho e ele corria que é de montão... ele chegou perto da cerca (G1);

c) como ausência, nos casos em que o fundo não é mencionado em nenhum momento da narrativa.

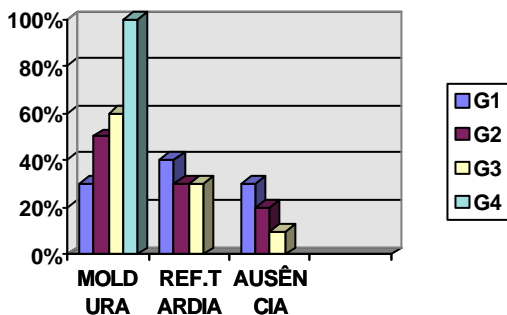
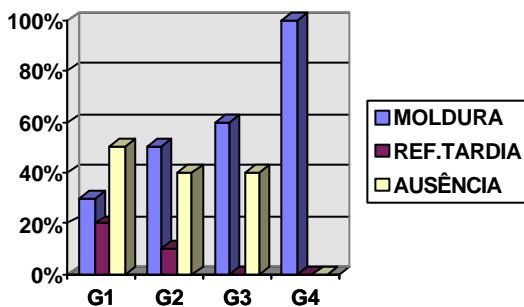
⁴ Esse estudo mostra, através de pesquisa interlinguística, que diferenças tipológicas, tais como as apresentadas por Talmy (1983,1985), que dividem as línguas em ‘manner type, satellite-framed’ como o inglês, ou ‘path type, verb-framed’, como as línguas românicas, influenciam o foco da informação espacial apresentada no discurso narrativo. Assim, falantes do inglês elaboram as trajetórias dos protagonistas em seus deslocamentos espaciais; enquanto falantes do espanhol fornecem deslocamentos com ‘paths’ menos elaborados e mais informação estática situando protagonistas e cenas. Essas últimas informações seriam apresentadas em relativas encaixadas.

O quadro 8 nos mostra a distribuição ocorrida.

Quadro 8 — Distribuição ocorrida

GRUPO	MOLDURA	MENÇÃO TARDIA	AUSÊNCIA
G1	30%	40%	30%
G2	50%	30%	20%
G3	60%	30%	10%
G4	100%		

Uma tabela resumo da primeira menção da referência espacial em articulação com o personagem principal traria os seguintes resultados:



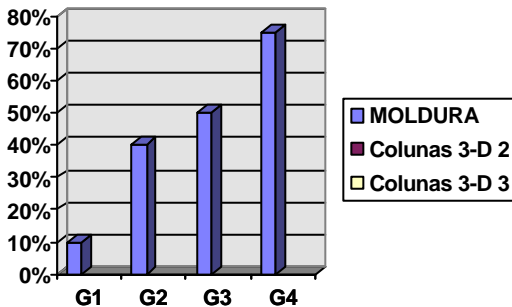
DESENVOLVIMENTO DE NARRATIVAS

Pode-se concluir a esse respeito que ocorre um desenvolvimento da presença de moldura espacial, não tanto no resultado geral (uma vez que mesmo as crianças mais velhas não chegam de forma absoluta a contextualizarem espacialmente o personagem principal), como sobretudo com relação à presença de marca de espaço no início da história, como seu fundo, de forma semelhante ao procedimento da totalidade dos adultos.

Temos agora condições de comparar os dados das crianças brasileiras com as análises realizadas por Batoréo (1994) com crianças portuguesas e Hickmann (1994), com crianças francesas e inglesas (resguardando as diferenças metodológicas já citadas). Reproduziremos inicialmente as tabelas apresentadas pelas autoras, assinalando que a primeira diz respeito apenas à moldura espacial:

PRESENÇA DE MOLDURA ESPACIAL

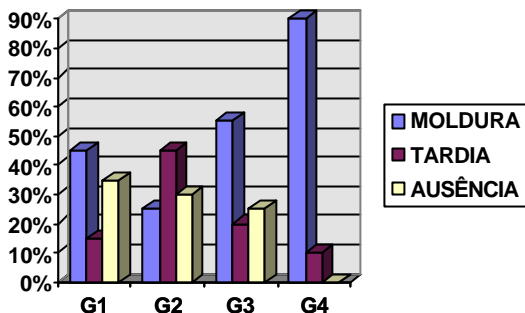
Crianças portuguesas



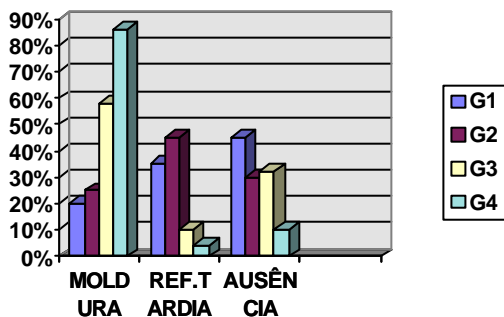
Batoreo,1995

PRIMEIRA MENÇÃO DE REFERÊNCIA ESPACIAL

Crianças falantes de francês⁵



Crianças falantes de inglês



Hickmann, 1994

Em todas as línguas, pode-se verificar um aumento no uso de moldura espacial no início das narrativas similar à progressão das faixas etárias. Diferenças, entretanto, podem ser constatadas. As mais intrigantes dizem respeito às crianças falantes de português. As crianças brasileiras apresentam mais precocemente o uso de moldura espacial de

⁵ As crianças falantes de francês de G1 apresentam média de idade de 4;4, enquanto as de inglês de 4;10. Há, portanto, uma diferença etária com nosso G1 e com o G1 dos falantes de português europeu.

DESENVOLVIMENTO DE NARRATIVAS

forma significativa (em G1, 30% dos brasileiros já utilizam esse mecanismo, contra 10% das portuguesas) e seu uso é sempre mais marcante, até nos adultos. Essa diferença talvez possa estar relacionada ao uso mais freqüente de fórmulas de movimento, para introdução do personagem principal pelos falantes de português brasileiro, única diferença significativa na comparação entre os dados.

Essa justificativa, porém, contraria a encontrada por Hickmann para a diferença entre os dados das crianças mais jovens falantes de francês em relação às falantes de inglês. Como seus dados mostraram, as crianças francesas estabelecem referência espacial com mais freqüência. Para ela, esse resultado reflete o uso mais freqüente de formas apresentativas, em que o fundo é estabelecido inicialmente, antes do prosseguimento da narrativa. Trata-se, então, de uma questão a ser proposta para uma comparação entre os diversos resultados.

Como conclusão, pode-se verificar que existe uma forte relação entre a introdução do personagem principal e a localização espacial. Os resultados apresentados e a comparação realizada com outras línguas demonstram que a aquisição da referência espacial, sobretudo no que respeita à ancoragem espacial de diferentes fatos/ elementos de uma narrativa, é uma tarefa complexa, que ocorre como um desenvolvimento gradual adquirido relativamente tarde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAMBERG, M. *The acquisition of narratives: learning to use language*. Berlin, Mouton de Gruyter, 1987.
- BATOREÓ, H.J. Spatial reference in children's narratives: a study in European Portuguese. In: FARIA, I.H. & FREITAS, M.J. *Studies on the acquisition of portuguese*. Lisboa, APL/Colibri, 1995.
- BERMAN, R. On the ability to relate events in narrative. *Discourse Processes* 11, p. 469-497, 1988.
- BERMAN, R. The many facets of narrative development. Conferência proferida no *First Lisbon Meeting on Child Language*. Lisboa: 1994 (anotações).
- BERMAN, R. & SLOBIN, D. *Relating events in narrative: a crosslinguistic developmental study*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1994.

- FARIA, I.H. & BATORÉO, H.J. Variation in nominal reference: a study in European Portuguese children's narratives. Trabalho apresentado em sessão do *Fourth ISAPL International Congress*. Bologna: 1994.
- GUIMARÃES, A.M.M. *O desenvolvimento da coesão: estratégias da passagem do contexto ao texto*. Tese de Doutorado. PUCRS, 1990.
- GUIMARÃES, A.M.M. Desenvolvimento do mecanismo de conexão interfrásica como parte da coesão linguística em crianças de 9 a 12 anos. *Letras de Hoje*. 28, 2,:107-118, junho de 1993.
- GUIMARÃES, A.M.M. O desenvolvimento da coesão: estratégias da passagem do contexto ao texto. *Ilha do Desterro*, 27, p.167-180, 1992.
- GUIMARÃES, A.M.M. & LAMPRECHT, R.R. *CHILDES Project: using CHILDES for Brazilian Portuguese*. In: FARIA, I.H. & FREITAS, M.J. *Studies on the acquisition of portuguese*. Lisboa, APL/Colibri, 1995.
- HICKMANN, M. *The development of narrative skills: pragmatic and metapragmatic aspects of discourse cohesion*. Tese de doutorado University of Chicago. 1982.
- HICKMANN, M. (ed) *Social and functional approaches to language and thought*. Orlando, Academic Press, 1987.
- HICKMANN, M. & LIANG, J. Clause structure variation in Chinese narrative discourse: a developmental analysis. *Linguistics* 28, p. 1167-1200, 1991.
- HICKMANN, M et alii. Spatial reference in French children's narratives: a crosslinguistic perspective. 1994. (Paper presented at the *First Lisbon Meeting on Child Language* in June 1994)
- KARMILOFF-SMITH, A. *A functional approach to child language: a study of determiners and reference*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1979.
- KARMILOFF-SMITH, A. The grammatical marking of thematic structure. In: DEUTSCH (ed). *The child's construction of language*. London: Academic Press, 1981. p. 121-147.
- LABOV, W. The transformation of experience in narrative style. In: _____. *Language in inner city*. Philadelphia: Un. Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W & WALETSKY, D. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (ed) *Essays in the verbal and visual arts*. Washington: Un. Washington Press, 1967.

DESENVOLVIMENTO DE NARRATIVAS

- MANDLER, J.M. & JONHSON, N.S. Remembrance of things parsed: story structure and recall. *Cognitive Psychology*, 9, p.11-151, 1977.
- McGANN,W & SCHWARTZ,A. Main character in children's narratives. *Linguistics*, 26, p. 215-33, 1988.
- PETERSON,C. & MacCABE, A. *Developmental psycholinguistics: three ways of looking at a child's narrative*. New York: Plenum, 1983.
- SLOBIN, D. (ed.) *The crosslinguistic study of language acquisition*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum. 1985.
- STEIN, N.L. & GLENN, C.G. Analysis of story comprehension in elementary school children. In: FREEDLE, R.(ed) *New directions in discouse processes*. Norwood, NJ: Ablex, 1979. p. 53-120
- TALMY,L. Semantics and syntax notion of motion. In: KIMBALL(ed) *.Syntax and semantics*, 4 New York: Academic Press, 1975.p.181-238
- TALMY,L. How language structure space. In: PICK & ACREDOLO (eds) *Spatial orientation: theory, research and application*. New York: Plenum Press, 1983.